

RUAS

Ruas de uma cidade que não conheço
com pouca gente e vento e chuva cinza.
Espero por quem não chega enquanto altas
se acendem luzes em janelas sós
e uma mulher passeia numa esquina.
Há olhos que me fitam um instante
e não sabem ler palavras que não digo:
«Dá-me outro nome, muda o meu destino.»

SANTA MARIA NOVELLA

Ganho a vida por aqui,
entre os comboios, disseste, e sorrias
apenas com os olhos, esplêndidos, de ouro.
Apagar-se-ão os bronzes, os mármore, o Arno,
sujo por detrás da *loggia* dos Uffizi,
a magia de pincéis e de cinzéis,
a cúpula, as pontes e as pombas,
os *putti* despídos e cantores,
S. Jorge firme face ao desconsolo,
o som dos sinos róseos do crepúsculo
entre os ciprestes e o loureiro de Fiesole.
Perdurará a graça venal de um sorriso
e o gesto das tuas mãos,
delicado e canalha.

AQUELES DIAS DE VERÃO

Estava de verdade
muito só naqueles dias
de verão. A noite
sentava-se à janela comigo,
desgrenhada, descalça, suada,
à espera de um fresco amanhecer
que não chegava nunca.

Chegaste, porém, tu,
arcanjo de trevas, sanguinário e belo,
portador de uma cega sentença.
Com o punho batias
ao portão incapaz de dormir. *Aqui
não vive ninguém.* Cavernosa a voz
e com susto a noite, as estrelas
aziagas. *É um morto quem vive
nesta casa. Que Deus o ampare,
irmão.*

E amparaste-me tu
no fundo de um poço
sem ar e sem ninguém.

A CHUVA

A chuva é um soldado triste,
uma sentinela sem sono. Espias
sua firme juventude. Ardem os lábios
em negra chama de melancolia.

Ruas lascivas sobem pelas suas pernas,
distante e firme não sorri.
Ávidas mãos pelo rosto imberbe,
mãos de névoa putrefactas insistem.

Silencioso acerca-se um cavalo
da água escura e fresca do desejo.
Ilumina-se a cara do soldado
num instante de lua, leve, longe.

Envolto em negra chama chamas
ao plural sentinela minucioso.
Imóvel, mudo, segue seu destino
noutro mundo, noutro tempo, noutro.

O ASSÉDIO

Sei que firme e fugaz aguarda sempre
junto do meu coração desabitado;
sei que um mínimo gesto bastaria
para o deixar entrar e não estar só.

Mas eu reforço paredes, vidros, portas;
peço ajuda a filósofos antigos:
«O que nada tem nunca perde nada;
tem todas as coisas quem nada deseja.»

Ouçó os seus passos, seu rondar contínuo;
perto da minha janela canta e ri:
«Abre um momento, abre, quero dar-te
rosas vermelhas embriagadoras.»

Estou pronto para resistir, pronto
para longo assédio, fome, desamparo:
«Vai-te embora, amor, deixa-me em paz;
a ventura que me trazes dá-a aos cães.»